

Março-Abril
do 1969

—
Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

—
N.º 3

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

PROBLEMAS DE FILOSOFIA — A EVOLUÇÃO DO HO- MEM - I

A evolução do «homem-natureza» até ao «homem-social» — O longo caminho do «Eu» até ao «Nós» e de aí até ao complexo psicológico do «homem actual»

A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS PSÍQUICOS E AS FUNÇÕES INTESTINAIS

A NFERIORIZAÇÃO DA CRIANÇA (cont.)

As inferioridades criadas nas escolas

A «RACIOLOGIA» E O «PROBLEMA DO RACISMO» - IV

A importância da linguagem nas raças — Diferenciação entre o «germânico» e o «ariano»

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMA- ÇÃO DA PERSONALIDADE - XX

Transformação da personalidade do homem futuro

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A PSICOLOGIA COLEC- TIVA - VII

A sugestão e a autosugestão — Personalidade e socialização

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala C

Est. 2219

Tab. _____

N.º _____

A NEOCICLINA VITAMINADA

Satisfaz as 4 condições de uma boa preparação antibiótica:

- 1.º — EFICÁCIA — Nível circulante óptimo no plasma.
- 2.º — PREVENÇÃO — Previne as alterações na flora intestinal, pela associação das vitaminas.
- 3.º — COMODIDADE — Permite, com uma só aplicação, uma medicação polivalente.
- 4.º — GARANTIA — Não contém quaisquer produtos conservantes prejudiciais.

Composição:

	<i>Cápsulas</i>	<i>Suspensão oral</i>
Cl. de tetraciclina	250 mg	1,5 mg
Vitamina B ₁	2,5 »	0,015 g
» B ₂	2,5 »	0,015 »
» PP	25 »	0,15 »
» B ₆	0,5 »	0,03 »
» B ₁₂	1 mcg	6 mcg
Pantotenato de cálcio	5 mg	0,03 g
Ácido fólico	0,375 »	2,25 mg
Vitamina C	75 »	0,45 g
» K	0,5 »	0,003 »
Excipiente com glucosamina	q. b. p. 1 cápsula	—
Pó para suspensão com glucosamina	—	q. b.
Apresentação	Frs. de 8 e 16 cápsulas	Frs. de 60 g

A NEOCICLINA VITAMINADA PODE SER PRESCRITA COM INTEIRA CONFIANÇA

Março-Abril
de 1969

—
Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

—
N.º 3

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

A evolução do homem

I

A EVOLUÇÃO DO «HOMEM-NATUREZA» ATÉ AO «HOMEM SOCIAL»

O LONGO CAMINHO DO «EU» ATÉ AO «NÓS» E DAÍ ATÉ AO COMPLEXO PSICOLÓGICO DO HOMEM ACTUAL

Para compreender toda a acção que o *progresso* impõe aos homens actuais, para conceber tudo o que o progresso tem trazido de artificial para as almas, é necessário compreender, como diz o *Professor E. Schaub Koch*, o que foram, durante a pré-história, os homens terciários.

Na opinião de *Jean Jacques Rousseau*, que tem sido muito discutida, o homem é naturalmente bom e foi a civilização que o perverteu. Ora todos os estudos dos antropologistas concluem que o nosso antepassado primitivo não era mais do que um bruto feroz, a quem a luta pela vida tornou manhoso, sanguínário, sempre levado pelos instintos, tal como as feras que o cercavam.

Então, não existia qualquer ambição de governar o mundo, nem preocupações sobre o origem do mundo, nem inquietações sobre o seu futuro, nem sequer a necessidade de saber o que se passava longe, o receio da opinião dos outros, nem o desejo de nos aperfeiçoarmos em qualquer coisa que fosse além de procurar o alimento e a defesa contra qualquer ataque, quando se saía do seu alojamento.



A imensa poesia da natureza e do mundo, no seu acordar e desenvolver, o esplendor da natureza virgem era-lhe totalmente estranha. A alma humana era toda ocupada pela tirania dos apetites materiais; só saía da sua letargia, quando as excitações mentais provocadas pelo seu interesse imediato, o obrigavam.

Passaram séculos... muitos séculos, que foram acompanhados de catástrofes, de carnificinas enormes; o homem viu-se obrigado a lutar contra a coalisão universal de todas as forças obscuras do mundo. É provável que todas as suas necessidades e lutas o levassem a descobrir algumas indicações da «alma humana»; comparando os factos, era levado a compreender e principiava a ter uma sombra de raciocínio, que lhe servia às vezes de um freio que se interpunha entre as impulsões e as acções. Depois, veio um princípio de concepção mais abstracta e geral do que o efeito imediato e evidente das causas; começou então a estabelecer-se uma relação no espírito entre a acção presente e o seu resultado futuro. — A sensação do «futuro» passou a definir um sentimento. — Apareceu então o sentimento da «previdência», que é a base fundamental de toda a civilização.

Assim, o «homem» ficou convencido da sua *insuficiência* individual e isto levou-o a fundir o seu interesse pessoal com um interesse local, de fortificar a sua fraqueza com outras, de agregar a sua familia a outras familias, em uma preocupação de acção comum.

Fez-se a importantíssima evolução do — Eu — até ao — Nós — que levou muitos séculos e que deu origem à — Tribo — depois ao — Clan — depois à — Cidade — à Região e à — Pátria.

Nascimento da «Sociedade»

A constituição da *Sociedade Familiar* continha em si o germen de todas as sociedades futuras; a sua extensão é tão vasta que ainda hoje a não podemos medir. Ela será durante muitos séculos, o único farol director da humanidade; é ela que vai mudando da máscara que, cada idade que vai passando, procura consolidar e afirmar.

Ora o facto de conceber esta noção de princípio de uma organização social e de o realizar, era também o princípio da obrigação de fingir, de dissimular, sob uma aparência de — pacifismo — o instinto de destruir, de assassinar, que permanecia intensamente no fundo dos corações. Quando o homem se sujeita a regras artificiais, ainda que ditadas por uma necessidade comum, actua contrariamente à sua natureza.

Há sem dúvida uma grande diferença, entre o homem primitivo, manhoso, desconfiado do que o outro homem primitivo diz ou faz e as flores da linguagem, as saudações afáveis e risonhas trocadas entre dois homens civilizados contemporâneos. Mas a diferença é mais aparente do que real; entre a pele de animal que o primitivo vestia e o fato que o

homem actual veste, só existe a passagem dos séculos e os cuidados de *toilette*, que os diferenciam.

O *homem-natureza* não podia ser sociável; a sua subsistência era muito difícil para que ele a pudesse partilhar com outro. Ele só conhecia o gesto brutal de dominar ou ser dominado, de matar ou de morrer. Só pôde modificar o seu instinto de conservação primitivo, por outra modalidade, esclarecida, apoiada pelo raciocínio. A *delicadeza*, *urbanidade* *cortesia*, são as palavras que substituíram os factos primitivos, à medida que as idades foram criando a habilidade e o interesse que há, em certos casos, em poupar o seu semelhante, para que nos poupem a nós.

O facto, extraordinário na vida da humanidade, de o homem se tornar sociável, é o primeiro esboço da civilização; a sua evolução vai agora continuar, em relação directa com o progresso das suas necessidades. *Cada necessidade vital irá ditar um novo disfarce da natureza do homem.*

Quando, pela coesão dos primeiros agrupamentos, se chegar a constituir uma sociedade nova, a subsistência do homem e a sua defesa tornaram-se mais fáceis e a sua vida muda de aspecto.

Esta segurança, ainda muito relativa, dá-lhe a faculdade de desenvolver a inteligência, pelo menos da *observação*, que é onde se desenvolve a inteligência. O progresso mental vai aumentando em relação com o bem-estar material; o desenvolvimento cerebral contribui também para a melhoria das condições da existência.

Uma das conquistas da civilização é procurar diminuir o esforço físico à custa da predominância do esforço intelectual. Quando o homem, liberto da sua situação de animal, limitado a defender e a atacar, pôde olhar em torno de si, considerou que a riqueza é a abundância fértil do mundo, que está agora à sua disposição. Um trabalho lento de comparação e de aproximação inicia-o na ideia das sementes cuja geração dá origem a colheitas e assim, o grão lançado à terra, permite-lhe proteger o seu futuro.

Esta compreensão parcial do grande mistério, verdadeiramente perturbante, da reprodução universal, fez abrir um mundo novo para a humanidade. Ao mesmo tempo o homem aprendeu a domesticar os animais; vão desaparecendo os monstros mitológicos que enchem o seu espírito e assim, o homem, melhor armado para enfrentar o mundo, vai-se elevando, cada dia mais, acima dos animais, que domina e põe ao seu serviço.

Esta modificação tão grande nos seus costumes renova o horizonte da sua vida. O ser inseguro, ameaçado, sentindo a hostilidade das coisas e dos outros seres, começa a repousar na segurança de uma presa fácil e durável; feroz e migrador por necessidade, pode passar a revestir um aspecto de estabilidade e de pacifista; a posse do pedaço de terra que cultiva faz nascer na sua alma, o sentido da propriedade e, desde então,

por uma auto-educação, passou a sentir o respeito pela propriedade dos outros.

À tentativa instintiva da pilhagem, associa-se o receio das represálias provocadas pela pilhagem do vizinho e conclui que se devastar o campo do vizinho, o seu campo sofrerá a mesma sorte. O sentido da honestidade, da probidade, nasce da preocupação de conservar a sua propriedade, o seu património. Desta concepção do direito e da civilização passa-se facilmente à concepção do direito e da justiça.

Os nossos sentimentos vão-se desenvolvendo em cadeia, como aspectos da alma encadeados pelas necessidades que se vão criando e estabelecendo. Com um pouco de habilidade passar-se-á do «homem equilibrado» ao homem justo.

A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS PSÍQUICOS E AS FUNÇÕES INTESTINAIS

As funções dos intestinos, especialmente do colon, são fortemente influenciadas pelo sistema nervoso da pessoa e, portanto, estas sofrem os reflexos de vários factores psíquicos e sociais. Para se compreenderem as queixas dos doentes, tem sempre de se investigar qual a causa dos seus desarranjos intestinais; umas vezes são provocados por abusos alimentares, mas frequentemente são influenciados por choques emocionais.

É indispensável que estes doentes tenham confiança no seu médico, o que prova que este possa fazer o tratamento psico-somático que o caso requer; o médico, ainda que não seja essa a sua intenção, pratica sempre a psicoterapia, e é por isso que os doentes, logo após a consulta e antes de tomarem os medicamentos, já se sentem aliviados e confiantes.

Hoje fala-se constantemente em psicoterapia e, por isso, damos a seguir a definição dada na revista «*Medicine et Higiene*» de Lausanne, em um artigo do Prof. *F. B. Schneider*, da «*Policlínica Universitária Psiquiátrica*» de que extraímos a parte essencial deste artigo.

O Professor Schneider define a psicoterapia como sendo «um método de tratamento, que utiliza como meio terapêutico a própria personalidade do médico, e que é função das possibilidades que possua (a sua personalidade, os seus métodos e o tempo de que possa dispor para estudar e acompanhar o doente), por um lado e, pelo lado do doente, a sua estrutura psíquica e os caracteres da sua doença».

A cura depende muitas vezes de uma remodelação profunda da personalidade do doente, cuja psicologia se vai transformando à medida que se sente melhorado e acompanhado pelo seu médico, que deve sempre representar para o doente, um suporte moral.

A influência do físico sobre o sistema nervoso é quase tão importante como a do sistema nervoso sobre o organismo.

A necessidade fisiológica de expulsar os resíduos da digestão, provoca reflexos na região ano-rectal, sobretudo quando essa necessidade não pode ser imediatamente satisfeita.

A vida social obriga frequentemente as pessoas, a esperarem antes de seguirem para o toilete quando o intestino lhe dá a ordem, por um reflexo próprio. Elas vêem-se obrigadas a dominar-se e a dominarem as manifestações puramente fisiológicas. Como este comando antinatural começa a fazer-se por educação comandada e, depois, por autoeducação, a própria psicologia do homem civilizado vai sofrendo uma modelação. Os estudos de dois psicanalistas de Zurich, *Parin* e *Morgentholer*, sobre um povo africano, os «Dogons», que não sentem a obrigação de dominar os reflexos excretorios e que urinam ou defecam, sempre que sentem a necessidade de o fazer, sem qualquer sentimento de vergonha, em público, mostram como a sua estrutura psíquica difere — em grande parte, por causa disso — da nossa estrutura; ela é, por exemplo, isenta das características obsessonais de defesa, tão frequentes nos Ocidentais sobretudo nos que sofrem dos intestinos, particularmente dos que têm prisão de ventre.

O médico tem que ter em conta estes dados, que ultrapassam o domínio fisiológico e deve usar o processo terapêutico de levar os seus doentes a falarem francamente, à vontade, de todas as características quer da alimentação, como os prazeres ou as inibições que lhe estão ligados, quer dos sintomas da digestão e da defecação: tem de se lhes fazer compreender, para vencerem a vergonha ou a timidez, que as funções do sistema intestinal se devem considerar como as de qualquer outro, como o sistema circulatório, que o médico tem que observar e receber as informações mais detalhadas.

Com o tempo, às vezes mesmo na primeira consulta, o doente descobre tudo fielmente.

A observação tem mostrado que os doentes com desordens funcionais no colon, particularmente a prisão de ventre e o colon irritável, são pessoas mais ou menos agressivas no seu trato social ou familiar. Em regra geral não chegam a mostrar toda a sua agressividade e falham quase sempre quando a querem manifestar de uma forma «construtiva». Por outro lado, esta agressividade manifesta-se às vezes, sem qualquer razão aparente, como uma explosão interior que tem necessidade de descarregar.

Uma das causas da irritabilidade e falta de paciência dos doentes com prisão de ventre é a autointoxicação intestinal cujas toxinas, não só vão provocar perturbações nas diferentes vísceras, como no sistema nervoso.

Fizemos já um estudo detalhado das autointoxicações intestinais e da sua acção que provoca um encurtamento da vida pela degenerescência das vísceras que ocasiona, num artigo. Por isso, como ali dissemos, os

doentes com afecções intestinais ou com prisão de ventre têm o dever de se tratarem para evitar as desordens orgânicas, que são a sua consequência.

Estes doentes sofrem realmente não só da sua doença, como também dos conflitos ou do mal-estar que semeiam; e como este caso é muito mais frequente do que em geral se imagina, obedecemos ao desejo de o tratar com mais desenvolvimento, no propósito de, mesmo por este meio de difusão, conseguirmos que estes doentes se observem melhor, para procurarem fazer uma autopsicoterapia que facilite o trabalho do médico.

Não vamos tratar em detalhe dos mecanismos psicodinâmicos que se podem verificar em certas psicanálises, que demonstram as estreitas relações entre as manifestações de carácter «anal» (comando das defecções, necessidade de ordem e de limpeza, ausência aparente de impulsividade, esforços para defecar, etc.) e as perturbações funcionais propriamente gastro-intestinais. Estas implicações psicológicas existem sempre, mesmo que o doente não apresente sintomas exteriores de agressividade, que seja uma pessoa muito bem educada, complacente, que procure evitar qualquer irritação ou conflito e que pareça estar de acordo ou obedecer sempre. Uma atitude tolerante pode mostrar, quando se investiga em uma consulta, que muitas vezes essa aparência é simplesmente uma fachada, por detrás da qual existem possibilidades de ataque, que se não podem exteriorizar normalmente. Se, em uma consulta, se consegue que o doente exteriorize toda a sua forma de pensar, já se deu um grande passo para que uma acção psicoterápica simples, possa ser eficaz e permita um tratamento fácil.

O trabalho de expulsão

A «defecação» não depende simplesmente de reflexos localizados no intestino grosso, mas também está em relação por intermédio do reflexo gastro-cólico, com a parte mais próxima do tubo digestivo, até à tomada de alimentos. Ora as experiências têm mostrado (feitas por *Grace, Wolff, Almy* e outros) que o reflexo gastro-cólico não funciona em algumas pessoas.

É o caso, particularmente, das pessoas deprimidas, que têm frequentemente prisão de ventre. (Ainda que tenham o estômago cheio, não se observa um aumento de actividade motora do intestino grosso).

Estas pessoas normais que vivem debaixo de uma actividade esmagadora, para que não estão inteiramente preparados, são em geral tristes. *Grace, Wolff* e *Almy* observaram nestas pessoas, uma diminuição da função do intestino grosso, com palidez, ausência de actividade contrátil do colon e abaixamento das secreções.

Pelo contrário, estes mesmos cientistas, depois de provocarem conflitos a que se sucederam estados de cólera, de hostilidade e de ressentimento, sentimentos que o doente procura não exprimir, bem como a apreensão ou a ansiedade, verificaram que existe uma relação com uma hiperfunção do colon, um aumento da actividade coutrátil e uma hipersecreção em lizozima.

Pode-se naturalmente pôr em relação as perturbações do colon com a significação real ou simbólica das fezes ou da defecação. No entanto, outros cientistas (*F. Alexander, Izaz*) dão mais importância aos «factores psicológicos orais», como a necessidade de receber afeição ou a necessidade, primitiva, de destruir, de incorporar, de utilizar a boca, não como um órgão receptor, mas como um órgão destrutor, dirigido contra os outros. Nas pessoas que têm estas tendências «orais» agressivas, verificam-se diarreias, por fenómenos de hiper mobilidade e de hipersecreção reflexas, no colon, provocados por estados emotivos.

A diarreia ou a prisão de ventre estão sempre em relação com a personalidade psicológica da pessoa. Nestes casos, a atitude global (medicamento e psicoterapia) do médico, a sua receptividade para os sintomas confessados e a sua compreensão, auxiliam extraordinariamente o tratamento.

Mongold e *Amunan* chamam a atenção para os factores emocionais que determinam os espasmos do colon; em geral não são pessoas que apresentam graves sintomas psicóticos ou neuróticos, mas sim pessoas sensíveis, que reagem anormalmente às contrariedades de todos os dias. *Mangold*, em 100 doentes que estudou, com espasmos do colon, verificou que em 63 por cento, existiam estados emocionais ou, eventualmente, psiquiátricos, que pareciam ter uma relação com as perturbações intestinais; verificou igualmente que, na maioria, as conversas pessoais com os doentes foram o elemento de tratamento mais importante.

Em geral, os doentes que sofrem de irritação do colon não têm a consciência das relações emocionais que podem existir entre a perturbação somática e os conflitos psíquicos.

O doente é, em geral, cego para um sector importante da sua personalidade; ele não vê a relação psico-somática que existe no seu caso e que salta à vista dos outros.

Deve-se procurar compreender as relações simbólicas dos mecanismos de defesa, muito primitivos e simples, que estão em relação com os dois orifícios do sistema gastro-intestinal e que podem ser importantes para o funcionamento do intestino grosso. A alimentação, a forma como se pratica, o facto de vomitar, bem como a prisão de ventre, a retenção mais ou menos voluntária das fezes ou a expulsão diarreica destas, são os mecanismos de defesa que temos de observar e compreender.

Como dissemos, devemos ter sempre presente, nos casos de doenças gastro-intestinais, mas mais especialmente, nas doenças de colon, a in-

fluência psíquica, que é de grande importância. As fases de perturbações do colon, aparecem sempre nos doentes que têm tendência para obsessões, especialmente os que são passivos ou têm de dominar a agressividade, por necessidade ou por inibição. As fases coléricas aparecem às vezes, repentinamente, a seguir a conflitos, em que a agressividade se não pode manifestar; isto dá-se frequentemente no serviço militar ou em conflitos dentro da profissão. Todo o equilíbrio frágil desaparece por qualquer manifestação contrariante.

Quando existe prisão de ventre, nota-se o aspecto depressivo da pessoa. Tem sempre de se tratar, não só por si, mas também pelas perturbações que provoca, das quais, uma das mais graves é a autointoxicação intestinal.

Pelo que aqui ficou exposto, verifica-se com evidência a ligação que existe entre os estados emocionais e as funções intestinais, particularmente do intestino grosso. A sua defesa deve fazer-se, ou directamente, mantendo sempre o intestino livre das infecções e irritações directas, o que se consegue estabelecendo um regime de defesa normal com a Lactosimbiosina ou a Vitasimbiosina, e combater as emoções, por uma autoeducação de defesa e, quando isto se não consiga completamente, com o uso de tranquilizantes (1). Para tratar a prisão de ventre e as autointoxicações intestinais está sempre indicada a Lactosimbiosina em comprimidos (5 em jejum e 3 de cada vez, de 3 em 3 horas); quando a prisão de ventre seja pertinaz é conveniente tomar um comprimido de Purgatose, ao deitar mas, repetimos, a psicoterapia, pelo médico tem uma importância primordial nos enterocolíticos nervosos.

A INFERIORIZAÇÃO DA CRIANÇA

(Continuação)

Tratámos no artigo anterior do facto grave da inferiorização da criança, cujos causadores são por vezes, inconscientemente, os próprios pais e professores e estudámos a necessidade de fazer o tratamnto, por meio de trabalhos de superiorização.

Vamos continuar a estudar este importante problema, não só para as crianças, como também para os pais e educadores.

(1) Como já dissemos em outros artigos, o tranquilizante mais aconselhável, por ser o mais inofensivo, é o Probamato (1 a 3 comprimidos por dia) e nas mulheres, o Probonar, na mesma dose; o Probonar é uma associação do Probamato a hormonas ováricas, cuja insuficiência é frequente nas mulheres, sobretudo depois dos 45 anos, e que é a causa principal das suas excitações.

No artigo anterior definimos o que se entende por «inferiorização» e as suas modalidades, a inferiorização pessoal e a inferiorização social, de que continuaremos a tratar neste artigo.

As inferioridades criadas na escola. — A escola é benéfica para a maior parte das crianças, não só porque contribui para o desenvolvimento das suas faculdades, mas também porque lhes oferece um «clima geral da criança» que a família não pode constituir com a mesma homogeneidade. A criança encontra ali pequenos camaradas da sua idade, com as mesmas necessidades, os mesmos prazeres e as mesmas preocupações; sente-se feliz porque tem a consciência de ser como os outros meninos da sua idade. Este sentimento de igualdade, favorece uma compreensão recíproca e uma amizade que se mantém por vezes com uma persistência assombrosa. São «amigos da escola» que se reconhecem muitas vezes mais tarde, quando se encontram. A homogeneidade que se encontra na escola é quase sempre relativa, porém a criança parece aceitar facilmente a superioridade física ou intelectual de um camarada, a quem muitas vezes se refere com admiração; se dá lugar a uma comparação, esta não está marcada com um coeficiente de intensidade bastante para tornar mais consciente a inferioridade.

Mas já o mesmo não sucede, se a superioridade foi marcada por um adulto, que lhe trouxe todo o peso da sua autoridade. Aos olhos do menino, o mestre possui o prestígio de as suas palavras não oferecerem dúvida e as suas decisões parecerem irrevogáveis. Se o mestre põe em evidência alguma inferioridade de uma criança, a consequência para esta é duplamente acentuada porque além do coeficiente pessoal de intensidade que lhe dá o mestre, a publicidade ainda a reforça e atrai a atenção dos outros alunos sobre um defeito que até então eles não sentiam desejo de proclamar.

Na escola, bem como na família, a *inferiorização* reveste aspectos diferentes; aparece claramente sob a forma de palavras ou de sanções humilhantes ou apoiando-se em notas e classificações. Parece ser o resultado normal do regime escolar, esta forma mais discreta, porém não menos eficaz.

Alguns mestres não têm consciência do efeito desastroso que pode criar na alma da criança, uma palavra infeliz ou insultante; na maior parte das vezes não têm a consciência das suas consequências. Do estudo que fez, *Carnois* realizou um processo, do qual vamos citar alguns exemplos, eliminando algumas frases impossíveis de transcrever, mas que às vezes se pronunciam e que parecem um desafio ao decoro e à linguagem correcta que devem adoptar os educadores:

A um aluno de doze anos, que tinha estrabismo, um professor disse em plena aula: — «A tua alma é tão torta como os teus olhos». Esta frase humilhou sem qualquer resultado, senão aumentar a timidez e o desgosto

do aluno, mantendo a sua *inferiorização* e criando o sentimento de ódio ao mestre, quando devia ser de admiração.

Um outro, de 14 anos, muito inteligente mas muito preguiçoso e indisciplinado, animado pelo seu educador, passou a trabalhar francamente e os seus esforços foram coroados de êxito; no último trimestre passou dos últimos para os primeiros da escola; este impulso para o esforço manteve-se durante vários meses. Um dia, em virtude de um acto de indisciplina, o professor escreveu no caderno, destinado aos pais «não merece continuar na 1.^a classe dos alunos» (a mais categorizada). Esta frase foi injusta porque a disciplina não exerce nenhum papel no seu valor como estudante inteligente e estudioso; o aluno sentiu a injustiça e perdeu o gosto pelo esforço; e este foi o resultado lamentável de uma humilhação que atacava precisamente o ponto sensível de este antigo preguiçoso, isto é, que punha em dúvida o seu êxito e, assim, o professor criou uma vítima com dificuldade de recuperação.

Um aluno de 13 anos, cujos pais eram italianos, era o primeiro do curso e gozava da simpatia de todos os camaradas; um dia o professor que estava mal disposto e pouco satisfeito com uma resposta dele, lançou-lhe com um tom depreciativo, um qualificativo em italiano; toda a aula se largou a rir e a partir de então, ele ficava furioso quando algum repetia a palavra. Pouco tempo depois, no dia da festa das mães, o professor passou um exercício a todos sobre este dia especial; o rapaz fez um bom exercício, em que dizia sentir-se feliz e orgulhoso por ser filho da sua mãe — *apesar desta ser italiana* — o que irritou o professor, pelo segundo sentido da afirmação; sentindo-se atingido, rasgou o exercício. O rapaz ficou triste e, como era aluno gratuito, não pôde sair, mas começou a desinteressar-se, passando a pouco e pouco para o grupo dos piores, até que os pais, tomando conhecimento do caso, o retiraram da escola, para outra, onde recuperou o progresso que tinha sido interrompido pela incompreensão do professor.

Outro rapaz, de 14 anos, bom aluno, era de um tal nervosismo, que lhe era impossível estar muito tempo na imobilidade da escola. Incomodado pela sua agitação o professor que já anteriormente o tinha repreendido, gritou-lhe: — «Tu tens um mau fundo!» — Ao pronunciar esta frase cometeu um erro psicológico e uma maldade pedagógica, por ter passado indevidamente do campo da fisiologia nervosa ao da consciência moral. Esta sentença, formulada levianamente, afectou gravemente a virtualidade moral do rapaz, que só poderia continuar a desenvolver-se em uma classe de confiança. As consequências foram lamentáveis, porque aquelas palavras tiveram no espírito do nervoso, uma nefasta e duradoura ressonância, pois despertou na sua delicada consciência um terreno propício ao «complexo de culpabilidade».

Sabemos que a maior parte dos educadores se dominam suficientemente para não cometerem erros de psicologia na sua linguagem. Na

escola, há atitudes que, por legítimas que sejam, podem ser motivo de inferiorizações, o que se deve evitar.

As «notas que exprimem o valor de um trabalho ou de uma lição contêm um elemento subjectivo inevitável. No entanto não prejudicam a justiça porque, se cada professor tem a sua «equação pessoal», classifica sempre sobre uma mesma base. No entanto, se a base é demasiadamente severa, é de temer que um grande número de notas sejam muito inferiores com muitos zeros; neste caso põe-se um problema cuja solução põe à prova, a justiça e a pedagogia; se se estudarem as consequências desta atitude conclui-se que o «zero» deixa de ter valor pedagógico. Por outro lado, a justiça tem as suas exigências e nenhuma consideração de ordem pedagógica pode evitar dar um zero quando ele o merece. Estamos em frente de um dilema: — a aplicação de um valor, implica o abandono do outro? — Julgamos que o facto dos mestres serem ou não partidários do «zero» depende de uma diferença de pontos de vista. Uns vêem sobretudo nos trabalhos do aluno, a materialidade dos resultados, o seu valor intrínseco; outros têm em conta, em primeiro lugar, o aluno que trabalhou; examinaram o trabalho em relação às suas aptidões e ao seu esforço e têm em conta as repercussões psicológicas que pode ter uma nota inferiorizante, a um aluno que se esforçou. Os *primeiros* têm um conceito material e estritamente quantitativo da «nota»; medem o trabalho; os segundos têm uma concepção pedagógica; fazem a apreciação do esforço; são estes os que têm razão.

Se o mestre se contentar em «medir» os resultados, se estes forem nulos, merece um zero; porém se o mestre não for apenas um «medidor» mas sim um «educador» evitará o zero, porque não inferiorizará nem prejudicará o estímulo futuro; o que deve é «aconselhar».

A inferioridade intelectual de um aluno, acentua-se com as «classificações», sobretudo quando estas lhe atribuem sempre os últimos lugares. Não criticamos aqui, um facto inevitável. Porém o problema dos «últimos da classe» tem uma gravidade pedagógica que deve preocupar o educador.

Não nos referimos aos preguiçosos autênticos, isto é aos alunos que devem a sua classificação a não quererem trabalhar. Referimo-nos à tragédia dos deficientes ou retardados que, apesar de todos os esforços, ficam sempre nos últimos lugares.

Estes alunos requerem uma atenção especial, discreta, que nada tem de comum com certa piedade, exterior e humilhante. É necessário afirmar que «cada criança, por desesperadamente limitada que for, têm direito, por parte dos seus mestres, exactamente a tanto interesse como o mais brilhante dos seus alunos, salvo quando, por razões particulares, não reclame ainda maior zelo e devoção» (opinião de *Thring*, director da Escola de Uppingham).

Desejaríamos que este artigo fosse lido e considerado por alguns professores das escolas secundárias ou superiores, em que a enorme percentagem dos zeros ou reprovações é uma prova da sua insuficiência como professores, que podem provocar o corte da carreira de alguns alunos que condenaram, podendo mesmo inutilizar o seu futuro.

Temos de encontrar para estes alunos, sobretudo nas primeiras idades, uma ligeira superioridade (mesmo que seja fictícia). A insuficiência não é um delicto; as sanções nestes casos provocam reacções negativas, como a «mentira da defesa», a rebeldia ou o desgosto pelo esforço. Um mau tratamento destes deficientes pode ser a sua liquidação moral; o seu fim será geralmente o de vadios, ladrões, fugitivos de casa, e, em geral, revoltados. É pois necessário tratá-los a tempo!

Um terceiro motivo de inferiorização reside às vezes na «sanção» ou «castigo». O valor da sanção é solidário com a finalidade desejada, que se reflecte não só sobre o indivíduo, como nos valores sociais. Será pois «exemplar» ou «curativa»; só nos interessa a «sanção curativa».

Para que seja «curativa» é necessário que tenha um eco positivo na consciência moral do aluno, que provoque a reflexão e favoreça o esforço para a recuperação. Neste caso converte-se num instrumento de valorização pessoal, que *superioriza*. Se pelo contrário, for aplicada automaticamente, brutalmente, ou — o que é mais grave — injustamente, não provoca esta sã reacção pessoal que leva à correcção do defeito, mas faz destacar a *inferioridade*. Fere, mas não corrige; o defeito subsiste ou agrava-se.

Vamos tomar como exemplo, um defeito que se considera como escolar, a «preguiça»; a noção exacta deste defeito, para alguns mestres, está errada. Consideram-na através dos resultados obtidos nos exercícios escolares, como uma negação para o esforço, cuja gravidade deve ser tida em conta, em conformidade com as aptidões da criança. Um exame médico e psicológico poderia trazer elementos preciosos, pois permitiria apoiar-se nos recursos da criança para cultivar o esforço (1). *Carnois* cita que este estudo, em um colégio do norte da França fez que alguns alunos tidos como preguiçosos autênticos, dos últimos da classe, passaram para o grupo dos primeiros. Porém ao lado destes estavam pseudo-preguiçosos, deficientes intelectuais, a quem se não pode exigir demasiado, sem correr o perigo do fracasso e das respectivas sanções, as quais devem ser aplicadas muito cuidadosamente, muito prudentemente, para se não correr o risco — e mesmo a responsabilidade — de fazer transferir a deficiência, do plano intelectual para o plano moral. A consciência de uma criança não pode evolucionar normalmente para a moralização autónoma em um clima de inferiorização, como o que se cria com o abuso das sanções.

(1) Veja o artigo «O diagnóstico e a terapêutica da preguiça» no n.º 7 dos *Estudos*.

Carnois ⁽¹⁾ diz que observou verdadeiros desvios morais em muitas naturezas primitivamente rectas. Uma criança frequentemente castigada acaba por duvidar dos seus valores morais e se o castigo é injusto, passa a defender-se por processos que a sua consciência até então reprovaria. Entre 29 inferiorizados escolares, *Carnois* destacou 12 em que pôde verificar uma regressão moral; como eram sempre dos «últimos», desapareceu nelas o esforço para melhorarem; foram condenados definitivamente, primeiro na escola, depois na família que, em geral, não aceita a situação e recorre a novas e mais fortes sanções. O desânimo apodera-se da criança, com todas as suas consequências, variáveis conforme o seu carácter; em alguns manifesta-se por uma passividade destrutora de toda a educação, em outros por reacções fortíssimas não menos destrutivas e ainda em outros, por desvios de consciência e do carácter ⁽²⁾.

No entanto uma sanção não inferioriza, se oferecer uma ocasião de uma verdadeira reparação; eleva então o culpado. Mas a injustiça no castigo, só consegue comprometer a evolução da criança, pois aos seus olhos passa a duvidar da justiça, da moralidade do adulto; ele só crê nos valores morais que lhe forem apresentados através das pessoas que, aos seus olhos, são designadas para os representar, isto é, os educadores. Não tem personalidade suficiente para opor a força do seu julgamento ao espectáculo das falhas dos adultos; oporá uma «força de compreensão», que é um aspecto da *sede de potência* ou de *impulso vital*, tão bem analisado por *Ferriere*. Esta *compensação espontânea* é grave porque actua à margem da esfera educativa; a criança defende-se por meio dela da influência do adulto, que a inferioriza, mas defende-se mal porque não possui em si os recursos suficientes para saber reagir *bem*, isto é por «formas positivas», pois frequentemente reage por «formas negativas», delituosas ou mórbidas. É pois necessário estudar o facto das sanções escolares, antes de serem aplicadas, principalmente nas crianças já inferiorizadas pelas suas deficiências próprias.

A inferiorização na escola adquire também outras formas, de que os próprios alunos são os agentes mais ou menos conscientes; a inferioridade que serve de base é às vezes pequena, mas converte-se em um motivo de troças ou vexações que humilham; a situação social, o próprio apelido, uma situação moral criticável em um membro da família, sobretudo nos pais, podem provocar o início da inferiorização.

A pobreza pode representar para a criança uma marca de inferioridade quando os seus companheiros mais afortunados, a destacam em uma atitude de desprezo, ou palavras inferiorizantes.

⁽¹⁾ *Carnois* — L'observation scientifique en pédagogie.

⁽²⁾ Leia os artigos publicados em *Estudos*: — Na 5.^a série — Problemas da criança e do educador (n.º 2 e 3) — Saúde mental das crianças. Perturbações psíquicas das crianças (n.º 5) — Como construir o futuro da juventude? (4, 6, 7 e 8) — Diagnóstico e terapêutica da preguiça (n.º 7).

É interessante o exemplo de um rapaz de 11 anos, filho de um tecelão que entrou com dispensa de propinas em uma escola secundária; o seu fato constituía objecto de risos e a sua situação provocou observações tão estúpidas como injustas. Este rapaz, que era inteligente e gozava na escola primária da estima dos seus condiscípulos, sentiu-se transformado por esta malevolência inesperada e inexplicável para ele. Só Deus sabe quanto sofreu; estas troças revoltavam-no, tornavam-no triste e sombrio e mais de uma vez teve a intenção de fugir. Compreendido por um educador e aconselhado por ele, decidiu lutar à sua maneira contra essas atitudes mesquinhas e por fim soube impor-se pela sua superioridade escolar, intelectual e moral; vinte anos depois, quando recordava a atitude dos seus condiscípulos, cheios das suas «riquezas e importâncias» tinha acerca deles esta frase indulgente: «Não eram maus; o que estavam era muito mal educados». Este facto, que está muito longe de ser único, esclarece com efeito a responsabilidade desses pais afortunados, que colocam indevidamente a riqueza acima dos valores morais e inspiram aos seus filhos o desprezo pela pobreza; esta educação injusta e falha de moral é uma calamidade social que só provoca o rancor e o ódio. Tais são os sentimentos que, por desgraça, podem germinar naqueles que, na sua infância, foram «inferiorizados» pela pobreza.

Outras crianças sofrem por causa do seu nome ou apelido que têm semelhança com palavras vulgares ou grosseiras ou com animais ridículos; quando assim sucede, é prudente que os pais peçam autorização para mudar de apelido, não o transmitindo a seus filhos. Há muitas crianças que se chamam Lenine, Estaline, Robespierre, em virtude das simpatias ideológicas políticas dos pais, ou Lamartine, Lafontaine, etc. pelas suas simpatias literárias e que por vezes tanto diferem das qualidades ou ideias dos filhos, para quem esses nomes são motivo de irrisão ou troça de muitos camaradas; constituem sempre razões de inferioridade, que se podiam evitar.

A cumplicidade dos pais aqui é patente, mesmo que seja somente passiva; a atmosfera familiar é obra sua e emana da sua autoridade; este será maligna se permitir a um ou a vários dos seus filhos desempenharem o papel de juiz perante um irmão ou uma irmã; este papel é nocivo para o afecto fraternal e não é aceite pelo inferiorizado. O ambiente de uma família é são quando favorece a amizade natural e normal que deve existir e unir todos os seus membros e só poderá manter-se se se entender igualmente sobre todos. A inferiorização de uma criança produz um desequilíbrio na sua sensibilidade, porque ataca a exigência normal da igualdade no afecto. Às vezes, alguns filhos perdoam esse erro nos pais, explicando-o por uma *fraqueza* pelo mais novo, pelo mais fraco, pela menina, etc., mas consideram-no sempre uma *fraqueza*, uma discriminação da *força* que os pais devem ter e que os diminui, aos olhos do filho.

A «RACIOLOGIA» e o Problema do «Racismo»

V

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NAS «RAÇAS»

(Continuação)

Vimos no número anterior, a importância que a linguagem tem na formação de um povo e na ligação dos povos da mesma raça ou na sua diferenciação. Tratámos nesse número da «Concepção soviética da socio-linguística», «A influência da linguagem na formação psicossomática de uma personalidade étnica», da «Morfologia da sociedade e a morfologia da linguagem» e do «Papel da psicologia infantil na propagação das línguas». Vamos continuar com outros aspectos deste estudo.

Tenacidade das línguas e flutuações biológicas

Na mistura entre os povos, o atavismo linguístico é tão tenaz como o próprio atavismo genético, o que também se dá com o carácter aparentemente subjectivo e frágil dos sons, com menos importância para a hereditariedade das tendências musicais do que os outros elementos biológicos, indestrutíveis. Trata-se do mecanismo do «substractum», que é extraordinariamente resistente.

A. Dauzat, na sua «Europa Linguística» diz que «a acção do substractum se manifesta, no vocabulário, pela persistência de certas palavras, provenientes da língua indígena a caminho do desaparecimento: são adaptadas e transformadas por vezes pelas diversas influências do meio e pelas tendências psíquicas ou psicobiológicas da população que, abandona a moda de falar antiga, que aprendeu, quer na maneira fonética da pronúncia, quer na expressão do pensamento (morfologia e sintaxe).

N. Lahovary demonstrou, particularmente, o paradoxo da fixidez dos complexos linguísticos, sobre uns certos territórios, em relação às flutuações das diferentes raças que estiveram sucessivamente em maioria nas mesmas regiões. Tudo se passa como se o dicionário local e a toponímia estivessem integrados no meio geográfico e adquiridos pelos imigrantes que aí se foram estabelecendo, que, por seu turno, iam perdendo o uso da sua antiga língua, sobretudo da gramática e assimilando o meio de falar das novas pátrias.

Este processo é explicável pelo papel dos fiéis à sua terra, mesmo que estejam em minoria com os novos invasores. Quando as tribos ou

as famílias, abandonam a sua residência, é frequente ficarem os velhos, os fracos ou doentes, os cegos e os inválidos, que ficam a viver, mal alimentados, verdadeiros deserdados, junto dos invasores que se instalam imeditatamente nos terrenos abandonados e não massacram estas pessoas inofensivas que, pelo contrário, tratam bem e são apreciados como guias numa região desconhecida, como contadores dos costumes e tradições e às vezes fabricantes de produtos de artesanato local.

Apesar da hiperexcitação que acompanha todas as guerras e massacres, em que todos os excessos podem ser praticados, existe sempre uma reacção instintiva, que se transmitiu até aos nossos tempos modernos, segundo a qual os vencedores, depois do período de maior excitação, respeitam os combatentes feridos, os sedentários, as mulheres e as crianças, a quem utilizam para os serviços domésticos e mesmo sociais.

Basta que as transferências linguísticas se façam em três gerações, para beneficiarem da plasticidade psicológica que as crianças têm; os jovens invasores aprendem em alguns meses a linguagem dos indígenas, enquanto os que partem definitivamente se apressam a esquecer uma língua que não terão de usar publicamente, porque o prestígio dos invasores assimiladores se impõe poderosamente.

Estas trocas constantes de vocábulos entre emigrantes ou invasores e os naturais, neste vai-vém dos povos, entre os três mais velhos continentes, têm-se realizado há séculos e, por isso, o conjunto dos dialectos muda constantemente de um grupo étnico para o outro e acaba por formar uma amálgama, que vai tendendo para uma grande uniformidade.

O mesmo processo continua actualmente, concretizado principalmente pela difusão internacional de grande número de termos técnicos, científicos e mundanos, que utilizam as raízes greco-latinas, palavras francesas, inglesas ou provenientes de diversos países. As «modas» espalham-se com paixão e entusiasmo e continuarão a obsediar as futuras gerações.

A antropologia moderna não é capaz de limitar uma raça «ariana» (ou indo-europeia, ou indo-germânica) nem a determinar uma fonte linguística ariana primitiva que lhe esteja fundamentalmente ligada (como o chinês monosilábico em relação a uma raça amarela fundamental). Tem sido possível, pelo contrário, fazer emergir dos «substractans» linguísticos da Europa proto-histórica pré-ariana, linguagens arcaicas de composição aglutinante e incorporativa (tais como o vasco e o georgiano) de onde foram tiradas uma maioria de palavras «atlanto-mediterrâneas» que antigamente se supunha serem propriedade de um tipo ariano ou indo-germânico, como fonte virtual invasora.

Esta observação revela um processo psico-somático na formação das etnias, tão essencial para a compreensão da originalidade da raça branca, que estudaremos.

Formação psicossomática da «personalidade ariana»

O conceito de uma «fonte arianizante», responsável pelo tipo cultural e biológico do povo europeu, foi sobretudo considerado em relação a um fenómeno linguístico específico da Europa.

No entanto, notou-se que as línguas do noroeste da Europa tinham em comum um grande número de palavras que faltam no indo-ariano, no arménio e no grego. Observa-se um parentesco entre as línguas célticas, germanas e eslavas, com as quais o latim, independentemente do ariano, possui grande número de pontos comuns.

Se as línguas vascas, aglutinantes e incorporativas, são nitidamente aproximadas, encontra-se igualmente no albanês, no rético, nos dialectos italiotas, nos carpáticos e nas formas gramaticais do romeno e mesmo do português, influências nítidas ligadas ao vasco-berbere.

Os latinos (de que a pronúncia antiga é muito cantante e fonética) ficaram desconcertados pelo aspecto bárbaro do germânico; no entanto as línguas itálicas desenvolveram-se igualmente sobre o mesmo território linguístico. Actualmente, para os nacionais habituados à harmonia das línguas eslavas ou latinas modernas, mesmo para os anglo-saxões, a fonética dos dialectos caucásicos ou vasco-berberes parece rude.

Ora o germânico é uma das línguas mais afastadas do tronco «indo-europeu», como se concebe virtualmente. Mesmo o celta é mais aproximado.

Diferenciação entre o «germânico» e o «ariano»

Desde os tempos neolíticos, o «tipo germânico», fortemente impregnado do finez, originário da Rússia central, não mudou. O caminho das suas correntes migratórias, não foi o percorrido pelos arianos.

A origem linguística ariana virtual, parece ser oriunda de um povo das florestas de faias, do interior das terras, que desconhecia as margens marítimas enquanto, por outro lado, uma terminologia semelhante da palavra «mar» se encontra no seio de todas as línguas classificadas como arianas; mais tarde deslocaram-se para o norte, a partir das regiões do Danúbio, vários grupos arianos.

Os arianos não habitavam as cidades, mas sim aldeias governadas por um chefe; amavam mais a caça do que a cultura e domesticavam muitos animais dos bosques, cães, cabras, carneiros e porcos; poucos iam para pescadores e, por isso, poucos nomes de peixes são indo-europeus. Os nomes dos animais e das árvores provêm exclusivamente dos povos nórdicos; mas devemos considerar que se os arianos não eram

povos do litoral na época protohistórica, o clima nórdico, com as florestas e a fauna características, caminhavam muito mais para o sul do que actualmente e os altos planaltos ou os vales elevados da Ásia Central, podiam igualmente ter um meio ambiente semelhante. Sabemos também que os arianos tinham artistas e utilizavam os carros primitivos; o seu sistema de numeração decimal, era notável. No entanto, não deixavam nenhum nome de divindade, enquanto a mitologia germânica é rica destas divindades.

Podemos compreender que a sua disposição para a vida pastoral e guerreira, facilitou as migrações através das estepes e planícies da Europa do norte, segundo um ritmo migratório de fluxo e refluxo, que permitiu a sua difusão por etapas, depois das mestiçagens locais. Mas os produtos destes cruzamentos não davam aos indo-europeus, sob o ponto de vista racial, um tipo físico especial, ainda que fossem classificados como «europoides».

Sob o ponto de vista exclusivamente morfológico e hematológico, classificamos a fonte racial «proto-ariana» como ligada à percentagem mais elevada, de sangue do «grupo B», que é a característica actual dos altos vales da Ásia Central ou do Himalaia Setentrional (Dingemans). Mas admitindo a não-penetração do mecanismo linguístico ariano nos Mongóis, apesar da introdução proto-histórica do grupo B e do tipo anatómico longuilíneo que lhes está ligado na raça amarela, pode admitir-se que a língua ariana seja um fenómeno independente, que se formou mais tardiamente, por exemplo no sul da Rússia, para só ser introduzida nas Índias e no Irão, cerca de 1500 anos antes de Cristo.

Pelo contrário, se admitirmos que, graças às migrações, um tipo racial característico, aparentado à fonte de sangue do grupo B se espalhou, a partir da Ásia Central, em todas as direcções até à África Oriental e tendo uma predisposição psíquica hereditária que condicionava uma mentalidade própria para assimilar o «fenómeno linguístico da flexão» (sintaxe que caracteriza igualmente as línguas semíticas dos povos com muito grande percentagem de sangue B), verifica-se a maneira espectacular que os povos do Europa ou o Médio Oriente têm para conjugar e, sobretudo, declinar o seu vocabulário, seja qual for a sua origem.

Como dissemos, no final do artigo anterior, os leitores vão verificando que os artigos sobre este problema se vão alargando. Mas o seu interesse só se mantém se este importante problema, que representa o estudo de muitos cientistas, for tratado com desenvolvimento.

Continuamos pois a tratar desenvolvidamente este estudo, ocupando-nos no próximo número da «Resistência tipológica à arianização», à «Incompatibilidade do condicionamento linguístico», à «Cronologia migratória», «Universalismo e asintonia», «Campo de consciência e separação técnica» e, só depois, nos ocuparemos do estudo das origens e caracteres da Raça Portuguesa.

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Preocupações sobre o futuro da sociedade actual e indispensável transformação da personalidade e da mentalidade do homem futuro

XX

Vamos terminar este longo estudo sobre o papel da religião e da política na formação da personalidade e nos esforços que se estão fazendo para uma consciencialização da personalidade do homem do mundo actual. Tratámos já da influência das religiões sobre a formação da personalidade e últimamente estudámos a influência do islamismo.

É com as élites dos novos povos que incumbe a vocação de preparar o terreno de compreensão, de tal forma que possamos receber a semente produtora dos benefícios do mundo moderno, sem ameaçar tudo quanto a força espiritual do Islão tem de positivo, nem das virtualidades dos outros povos; é necessário, mais do que em vez de transformador radical, ser sábio e prudente; aqui, tem lugar o rifão português «devagar... que temos pressa!» pois os estudos demonstram que este paradoxo é possível.

No mundo muçulmano, os eruditos e os intelectuais, especialmente os médicos, são sem dúvida, os que se podem melhor aproximar do corpo e das almas dos seus concidadãos, e introduzir-se na sua intimidade e confiança. São eles que podem construir a ligação entre o pensamento do mundo internacional e o futuro, pensamento de que é indispensável impregnar a alma dos muçulmanos, sob pena de se não realizarem.

A pesada missão de canalizar os espíritos deve começar pelos professores muçulmanos, pelos jornalistas, pelos escritores (de quem a influência sobre as consciências têm hoje uma grande latitude e força) e, sobretudo, pelos governantes e administradores responsáveis, de que o exemplo e o ideal penetram profundamente até às comunidades mais afastadas.

Não se trata de uma modificação dos caracteres, mas sim da forma de evitar por todas as maneiras as crises de desintegração da personalidade, que provocam inevitavelmente, e talvez irremediavelmente uma passagem muito brutal dos hábitos seculares, profundamente enraizados no subconsciente da mentalidade colectiva, com as imposições do tempo e do espaço, a submissão à engrenagem social, sobretudo à mecanizada, que são os tributos do nosso mundo mobilizado pela aproximação do ano 2.000. Os resultados destes choques por inadaptação, estão-se mani-

festando nas novas nações jovens, impreparadas e vítimas dos que as empurraram para esta falsa felicidade, o que, para muitos, corresponde a tê-los empurrado para o abismo.

Será certo que uma consciência que deve renegar completamente as influências íntimas que tiveram as almas dos seus antepassados, para sofrerem a mutação da *tecnicidade moderna*, poderá encontrar no momento actual, um equilíbrio perfeito e saudável entre os sentimentos e princípios que recebeu no seu passado e que influem na sua personalidade actual e as preocupações de ordem espiritual e psíquicas que passou a ter para construir o seu futuro?

Será dever nosso — e teremos o direito? — perturbar a serenidade dos povos, de quem a felicidade depende ainda da sua submissão ao sobrenatural?

Será humano arrancar estes seres à sua vida simples, aos seus sonhos estáticos e felizes para os transformar em «robots» assalariados?

Pode-se conceber se um temperamento místico, votado para a poesia e para a contemplação do seu mundo sobrenatural, na mais perfeita beatitude que lhe confere o seu fatalismo perante a toda poderosa protecção de Deus, será mais feliz como membro anónimo, integrado em uma maquinaria gigantesca profissional, de que o destino será infalivelmente regrado por cérebros electrónicos?

Teremos, por fim, o direito de pretender que o Ideal que o homem branco, produtor socializado ou não, formou para os seus descendentes para além do ano 2.000 (que parece muito afastado, mas para o qual só faltam pouco mais de 30 anos) condicionará necessariamente a felicidade dos outros povos?

Seria, sem dúvida, uma intrusão inadmissível no «Eu» e do «Super-Eu», simples ou complexo, destes seres se o nosso planeta pudesse prodigar os seus bens sem limite; mas a humanidade inteira e os outros povos de fora da Europa em particular, vivem as tragédias mais monstruosas que nunca o homem conheceu, que são especialmente a supernatalidade e a superpopulação, com todas as suas consequências e misérias. A inadaptação destes povos para o trabalho moderno, não faria senão apressar a catástrofe. E, parece que é isto o que os actuais «aprendizes de feiticeiro» estão a preparar...

Conclusão

Supernatalidade! — Superpopulação! — São os dois factores que parece votarem a humanidade aos desastres que se preparam.

Não são os cristãos que têm de decidir o futuro dos povos do mundo, como o seu orgulho lhes faz acreditar, especialmente os do «terceiro mundo». Dever-se-ia ou não tomar desde já, medidas rigorosas obrigatórias para o controle da demografia?

O terceiro mundo recusa-se a não crescer e multiplicar-se. Perante a hegemonia dos engenheiros, dos sábios e dos militares brancos, é a única arma irremediável de que dispõe.

Esta arma, estes povos de além-mar, possuíram-na sempre, mas a Natureza, intransigente e cruel, vela pelo equilíbrio biológico do mundo; para a Natureza, a arma mais eficaz para regular o equilíbrio é a morte.

Para justificar a valorização dos países colonizáveis a Europa introduziu nesses países as ciências filantrópicas: — a medicina, a higiene, o transporte dos alimentos, a polícia e umas ideias de paz.

O ocidente fez a política da natalidade.

Hoje são estas crianças, de quem a vida se deve em parte aos esforços dos colonizadores, que querem a sua independência, mas renegam e revoltam-se contra os seus *pais adoptivos*.

Compreende-se como estes se podem sentir magoados, quando se lhes exige, ainda por cima, o *dever* de alimentar o excedente destas crianças miseráveis, como uma obrigação moral!

Como é que as próximas gerações julgarão a geração actual? — Como será que a história descreverá os factos que se estão passando, para serem estudiosos imparciais?

Só uma cooperação sincera entre os representantes dos diversos partidos sociais pode chegar a uma simbiose útil, o que parece impossível de conseguir perante as ambições de cada procere político e de cada povo.

Só os *especialistas*, intimamente ligados à mentalidade da sua própria nação, poderão entrever o Ideal capaz de assegurar a cada entidade humana a personalidade evoluída que convirá melhor ao seu desenvolvimento físico e espiritual, no arranjo desta explosão da «neosfera» apresentada por Teilhard de Chardin.

Quanto àqueles a quem ele incumbe viverem a implacável evolução da maior mutação psicossomática que a espécie humana tem conhecido, no plano de uma *colectividade* planetária, o seu dever é, não sòmente aprender a respeitar o seu semelhante, mas, seja qual for a gravidade dos problemas biológicos, de que eles não são individualmente responsáveis, de **aprender a amar-se**.

Sem amor recíproco, a humanidade estará condenada à mais monstruosa desgraça colectiva. Só o amor terá ainda a possibilidade de a salvar da bestialidade, da loucura e do suicídio!

Esta mensagem de amor, que Cristo pregou, bem como Mahomé, Buda ou Confucio, espalhou-se sobre a Terra. São os homens de ciência de todo o mundo que têm o dever de receber hoje esta preciosa herança e de prodigar, com os meios de inteligência e acção que confere o nosso século a todas as almas humanas, seja qual tivesse sido a origem da sua consciência. Continuaremos a tratar este problema, em outros artigos, posteriormente.

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A PSICOLOGIA COLECTIVA

VII

A SUGESTÃO E A AUTOSUGESTÃO

Temos estudado nos seis artigos anteriores, vários aspectos dos últimos estudos sobre a memória e a psicologia colectiva; no artigo anterior estudámos o papel dos choques afectivos secundários no comportamento ulterior das colectividades, «Comunhão das almas e a sociologia» o «Bom-gosto e a moda» e a classificação dos sentimentos naturais e culturais. Vamos continuar a estudar mais alguns dos aspectos do problema que temos vindo a desenvolver.

As escolas americanas de psicologia dos desejos e a «caracteriologia»

Henry A. Murray, na sua «Exploração da Personalidade» estudou detalhadamente a análise dos numerosos «desejos» emanados do complexo psico-somático do organismo.

Estabeleceu uma lista das *necessidades manifestas* em número de 27, que vão desde a necessidade de se sentir humilhado até à do socorro, passando pelas do conhecimento de si próprio, da sensação de domínio, da sexualidade, etc. A seguir, classificou oito grupos, ligados a aqueles casos, mas sob uma forma introvertida; é a lista das *necessidades latentes*.

A seguir, organizou outra lista dos diversos *factores internos*: a) o Eu ideal — b) o narcisismo — c) a integração e os conflitos do Super-Eu, e organizou listas dos *atributos gerais* dos diversos estados psicológicos e das formas de actividades.

Por outro lado, R. B. Cattell de New-York apresentou um outro estudo sobre os factores psico-somáticos do indivíduo nas suas relações com a vida social, estudando detalhadamente cada um deles. Assim, por exemplo, o *ciúme* seria a resultante entre os factores: — emotividade, primariedade, egocentrismo e asintonia; o estado de *rancor* é condicionado por estes mesmos factores, mas com um reflexo secundário em vez do primário, o de introversão; a *vingança* junta-lhe ainda uma energia somatotónica necessária, activa e a *vergonha* atinge sobretudo o sentimento introvertido de uma energia fraca.

Personalidade e socialização

Confrontando as escolas de caracteriologia, pode concluir-se de uma maneira prática que os diferentes estados da personalidade não são mais, nos seus caracteres fundamentais, do que uma sinfonia musical é,

em relação aos sons fundamentais produzidos pelos diversos instrumentos de música utilizados na sinfonia; o mesmo tema musical, tocado no piano, no órgão, no violino, ou cantado, pode ter caracteres particulares; pela mesma forma, a mesma frase musical pode sugerir sentimentos, mesmo opostos, segundo a velocidade, o acento de cada instrumento, o ritmo, etc., no meio em que for ouvida.

No plano das relações individuais primitivas, ou seja na escala dos grupos pouco organizados (tais como nos movimentos das multidões), o homem exprime-se sobretudo pelas componentes mais fundamentais do seu temperamento constitucional (agressão, fuga, tristeza, cólera, mutismo, paixão, etc.), mas a vida social faz-se mais pelos conjuntos de factores fundamentais, ligados em proporções que parecem fixas na sua acção de atitudes e de reacções condicionadas, formando espécies de «estados-bloco» de que as diversas componentes se exprimem sempre em conjunto e nas mesmas proporções relativas.

Estes estados-bloco formam assim «traços de carácter» distintos, individuais, permanentes, de que o conjunto forma a mentalidade, conjunto que define finalmente o «homem-social», que é uma personalidade, cujo valor no conjunto foi formado, graças aos processos da sugestão de grupos.

Vamos estudar os mecanismos psicológicos que, partindo da sugestão, vão constituir o factor socializante.

Sugestão e auto-sugestão

A *sugestão*, segundo *Charles Baudouin* é «a realização subconsciente de uma ideia»; e *Baudouin* distingue:

a) SUGESTÃO ESPONTÂNEA — É a que se produz em uma pessoa, sem a intervenção de um sugestionador e sem intenção da parte do indivíduo (receio de gaguejar, de cólar, etc., que agrava o fenómeno).

b) SUGESTÃO APLICADA — É praticada intencionalmente, com um fim educativo ou curativo, ou de depressão, e que se pode subdividir em três categorias:

1 — *A sugestão provocada*, isto é, graças à intervenção de um sugestionador.

2 — *A sugestão reflectida*, isto é, a que uma pessoa determina deliberadamente estabelecer em si própria; é a *auto-sugestão* propriamente dita.

A sugestão é, em suma, a insinuação de uma ideia, quer como motora do acto que ela representa em potência, quer como a elaboração de uma manifestação virtual, por exemplo, da alucinação, como fim extremo.

Da mesma maneira que *Espinosa*, *Baudouin* diz que «a ideia de uma ideia», faz renascer a ideia («ideia» no sentido geral de representação):

— imagem, recordações, etc), da mesma forma que a «ideia» de um movimento, faz renascer esse mesmo movimento.

O papel da «sugestão» é assim apropriar-se da atenção, a fim de mobilizar todas as suas energias neurotónicas, em vista de um resultado a obter.

Diz-se que, sugerindo um estado afectivo, a que se não reage, acaba-se por o sentir nesse estado; seja a forma mais primitiva da sugestão de um acto a praticar, imediatamente, ou quando um facto se der, ou a distância, facto bem conhecido dos hipnotizadores.

Emoções auxiliares e contacto das emoções

Como na acção voluntária, existe uma finalidade essencial à sugestão, *Baudouin* diz ainda: «A ideia prévia funciona como um fim e o trabalho subconsciente consiste na produção e na coordenação dos meios chamados para a realização deste fim. A realização sucessiva desta ideia, tem mais probabilidades de sucesso, quando uma emoção acompanha a ideia»; é o que se chama a «lei da emoção auxiliar», que é um corolário da atenção concentrada. Com efeito, na base da *atenção* espontânea está uma tendência afectiva e a *emoção* não é mais do que um estado afectivo agudo.

A convicção tem um papel importante na intensidade destes fenómenos. O uso das orações ou invocações religiosas quando se pratica a sugestão ou a autosugestão é um exemplo sugestivo do abandono da vontade e do recolhimento do espírito para realizar uma ideia, a seguir a um trabalho que escapa à nossa consciência; as evocações patrióticas conduzem a resultados análogos.

A tese de *Baudouin* compreende os fenómenos sociais que nos interessam, quando nota que «uma sugestão tende a ser activada pelo exemplo da mesma sugestão realizada em outros, porque existe já uma auto-sugestão das emoções». As emoções sugerem-se sobretudo no campo social. O *contágio das emoções* é incontestavelmente uma das características principais das sociedades gregárias.

Estes fenómenos entram já no domínio da *intercaracteriologia* que *Dumas* definiu como «o estudo da acção do espírito, tendente à assimilação parcial ou total, passageira ou durável, da ideia».

As opiniões resultam, em grande parte, da sugestão-imitação. As grandes crises colectivas e os fenómenos sociais epidémicos (epidemias de desespero, de suicídios, de romantismo) estão, na maior parte das vezes ligadas a uma sugestão imitativa, independente dos acontecimentos históricos reais.

Baudouin cita ainda a célebre frase do filósofo *Spit*: «Nós só somos senhores da natureza, exteriormente; interiormente, somos escravos dela».

No próximo artigo, continuaremos este estudo, com a análise da «imitação» que é a base mais primitiva do *fenómeno social*.



Rutinicê

Fortíssima

(associação da Rutina e Vitamina C)

é agora preparada de forma a garantir:

- 1.º — Que os comprimidos podem ser tomados inteiros ou dissolvidos em água (simples ou açucarada) sem provocar desconforto gástrico.
- 2.º — Que uma vez chegado ao intestino, o produto é assimilado de forma gradual e contínua, mantendo no sangue um teor inferior ao limiar da excretação renal automática.
- 3.º — Que, desta forma, o ácido ascórbico pode ser aproveitado pelos tecidos.

O **Rutinicê Fortíssimo** tem uma acção de resistência capilar, com efeitos benéficos nas infecções das vias respiratórias.

Os seus efeitos provados sobre as hemorragias capilares resultantes de doenças degenerativas vasculares, certos estados alérgicos, diabetes, etc., demonstram que é útil como preventivo das hemorragias, devendo ser tomado para prevenir as hemorragias, tanto de temer nas congestões dos brônquios e pulmões, dos olhos e do cérebro.

Uma técnica original assegura a absorção lenta e controlada da vitamina C, de forma a obter no sangue, níveis adequados e contantes

(Literatura e amostras à disposição dos Ex.^{mos} Médicos)

Novas medicações
enérgicas e eficazes

Contra a gripe

Penampla

DERIVADO PENICILÍNICO DE ALTA ACTIVIDADE BACTERICIDA, QUE
ABRANGE AS BACTÉRIAS GRAM-POSITIVAS E OUTRAS DAS NEGATI-
VAS, AS SALMONELAS E O BACILO TÍFICO.
DÁ ORIGEM A ELEVADAS CONCENTRAÇÕES NA BILIS E NA URINA.

Neociclina vitaminada

ASSOCIAÇÃO DE TETRACICLINA A VÁRIAS VITAMINAS, FACIL ABSOR-
ÇÃO PELAS VIAS DIGESTIVAS: ACÇÃO RÁPIDA.

Instruções e amostras aos Ex.^{mos} Médicos

Protecção do estômago

Prevenção ou tratamento da

ÚLCERA GÁSTRICA E DUODENAL

GELUMINA

Digestões Demoradas

Gelumina e Neo-Digestina

HIPERCLORÍDRIA (AZIA)

GELUMINA

Perturbações gástricas

GELUMINA